

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Polêmicas literárias e mercado editorial Brasil-Portugal na segunda metade do século XIX.

Valéria Augusti¹

UNICAMP

Em biografia sobre Varnhagen para o *Diccionario Popular, Historico, Geographico, Mytologico, Biographico, Artistico, Bibliographico e Litterario*, publicado em Lisboa 1884, Pinheiro Chagas afirmava que quase sempre existiam ódios intensos e rivalidades entre as metrópoles e suas ex-colônias, mas que, no caso de Brasil e Portugal, esse ódio só seria válido para as camadas inferiores da sociedade, e não para as suas elites esclarecidas:

Não sucede porem isso, pelo menos tão geralmente como em outros paises, entre Portugal e o Brazil. Se nos seios das classes menos ilustradas do povo brasileiro vivem tenazmente arraigados sentimentos de ódio contra os portuguezes, que se manifestam por uma ou outra explosão deplorável, e que n'uma parte da imprensa encontram ecos selvagens, em compensação os homens esclarecidos do Brazil, não occultam a sua viva sympathia por Portugal, assim como também os nossos homens mais ilustrados estendem sua mão amiga aos portuguezes da América. Esta troca de sympathias é bem patente na litteratura. Foi Alexandre Herculano o que primeiro saudou com entusiasmo o estro nascente e já brilhante de Gonçalves Dias, as produções da imprensa portugueza encontram sempre na critica e no publico do Brazil o mais lisongeiro acolhimento.²

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). E mail: vaugusti@hotmail.com.

² Pinheiro CHAGAS. *Diccionario popular, historico, geographico, mytologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario*. 13 vol.

A se pautar pelo discurso de Pinheiro Chagas, poder-se-ia supor que as elites letradas dos dois países compartilhavam uma história de relações respeitadas e harmônicas. Entretanto, na respectiva obra, destinada aos leitores de Brasil e Portugal, o escritor português tentava “apagar” os inúmeros conflitos que, desde pelo menos a década de 60 daquele século, vinham se materializando em polêmicas envolvendo as elites de ambas as nações. Muitas dessas polêmicas se iniciavam em virtude das representações francamente negativas das elites portuguesas a respeito dos leitores e escritores brasileiros e tinham como resposta considerações acerca da dependência dos escritores portugueses em relação ao público leitor da ex-colônia.

Dentre as polêmicas que tematizaram o assunto pode-se citar aquela que ficou conhecida como a “Questão Coimbrã”. Muito embora tivesse como protagonistas dois portugueses - Antonio Feliciano de Castilho e Antero de Quental – ela suscitou violenta resposta no Brasil em virtude das considerações depreciativas envolvendo os leitores da ex-colônia.³ Com o intuito de ofender Feliciano de Castilho, Quental afirmava no folheto *Bom Senso e Bom gosto*, publicado em Coimbra no ano de 1865, que as obras do

³ Os folhetos que compõe a polêmica são: *Bom senso e bom gosto. Folhetim a proposito da «Carta» que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao sr. Antonio Feliciano de Castilho. Por Manuel Pinheiro Chagas.* Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves. 1865. 8.º gr. de 8 pag. - O folhetim reproduzido neste opusculo foi publicado no *Jornal do Commercio* n.º 3629, de 22 de Novembro de 1865; *Bom senso e bom gosto. Resposta á «Carta» que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao ex.mº sr. Antonio Feliciano de Castilho. Por Manuel Roussado.* Lisboa, imp. de J. G. de Sousa Neves 1865. 8.º gr. de 12 pag.; *Carta de Elmano da Cunha, em resposta a outra «Bom senso e bom gosto», dirigida por Anthero do Quental ao ex.mo sr. Antonio Feliciano de Castilho, etc.* Coimbra, Imp. da Universidade 1865. 8.º gr. de 15 pag.; *O senhor Antonio Feliciano de Castilho, e o senhor Anthero do Quental. Por Julio de Castilho.* Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves 1865. 8.º gr. de 40 pag. Teve segunda edição, ibi, Typ. da Rua dos Gallegos n.º 38, Fevereiro de 1866. 8.º gr. de 37 pag.; *As theocracias litterarias. Por Theophilo Braga.* Lisboa, Typ. Universal 1865. 8.º gr. de 11 pag.; *A dignidade das letras, e as litteraturas officiaes. Por Anthero do Quental.* Lisboa, Typ. Universal 1865. 8.º de 48 pag.; *A «Carta» do sr. Anthero do Quental ante os srs. Pinheiro Chagas, Manuel Roussado e Julio de Castilho. Por Ruy Portocarrero.* Lisboa, Typ. de Vicente Alberto dos Santos 1865. 8.º gr. de 16 pag. - Houve segunda edição aumentada.; *Os Litteratos em Lisboa. Poemeto por A. Ferreira de Freitas, illustrado por Jeronymo da S. Motta, bacharel na faculdade de Theologia e Direito.* Coimbra, Imp. Litteraria 1865. 8.º gr. de 32 pag., com quatro estampas.; *O mau senso, e o mau gosto. Carta mui respeitosa ao ex.mo sr. Antonio Feliciano de Castilho, em que se fala de todos, e de muitas pessoas mais, por Amaro Mendes Gaveta, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro.* Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves 1866. 8.º gr. de 16 pag. Em verso. - Foi auctor deste opusculo o sr. dr. Antonio Manuel da Cunha Belem.; *Bom senso e bom gosto. Carta de boas festas a Manuel Roussado.* Por S. d'A. Coimbra, Imp. Litteraria 1866. 8.º gr. de 13 pag. - Em verso.; *Litteratura d'hoje.* Por J. D. Ramalho Ortigão. Porto, Typ. do Jornal do Porto 1866. 8.º gr. de 61 pag.; *Vaidades irritadas e irritantes. Opusculo ácerca d'uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciencia litteraria. Por Camillo Castello-Branca.* Porto Typ. Lusitania 1866. 8.º gr. de 47 pag.; *A Escola coimbrã. Cartas do sr. conselheiro José Feliciano de Castilho ao «Correio Mercantil» do Rio de Janeiro.* Lisboa, Typ. do Futuro 1866. 8.º gr. 1.º e 2.º opusculos, com 32-48 pag. - Foram reproduzidas do *Correio Mercantil* onde appareceram primeiro nos n.os 349, 353, 356, de 1865; e 7, 9, 10, 12, 17, 18 e 21, de 1866.

escritor somente agradavam aos leitores do Império do Brasil, “uma turba de gente que nunca leu nem pensou”.⁴

Ofendido com tal consideração, Romeo Junior ⁵, português residente no Brasil, poeta e colaborador de periódicos como o *Correio Mercantil* e *A Marmota*, publicava em Braga, no ano de 1866, o folheto *As letras no Brazil, duas palavras acerca de um folheto do snr A. Do Quental*, no qual afirmava:

Julga sua s.a que o Brazil é algum paiz atrazado em civilização ou habitado unicamente por gente boçal?

*Conhece o estado da litteratura brazileira? Se o conhece, como nega aquillo que sabe, e se não o conhece, como falla d'aquillo que ignora?*⁶

Vindo em defesa dos leitores brasileiros tratados depreciativamente pelo escritor português, Romeo Junior afirmava que a literatura nacional, ao contrário do que parecia crer o escritor português, possuía “um crescido número de escritores distintos, tanto em prosa como em verso”, figurando entre eles Manoel Antonio Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Manoel Joaquim de Macedo, Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro de Calasans, Fernandes Pinheiro, José de Alencar, Teixeira de Mello, Pereira da Silva, Bruno de Seabra, Pinto de Campos, Bittancourt da Silva, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães e Francisco Octaviano de Almeida Rosa. Da existência de tais escritores, se podia, conforme acreditava, depreender que o “povo”, não apenas lia, como também marchava na “estrada da civilização”. No entanto, afirmava ironicamente, a maior prova da existência de leitores no Brasil residia no fato de grande parte dos livros portugueses a eles se destinarem:

⁴ ROMEO JUNIOR. *As letras no Brazil: duas palavras acerca de um folheto do snr. Anthero de Quental*. p. 5.

⁵ José Elias Soares Romeo Junior nasceu no Porto a 29 de maio de 1839. Foi para o Rio de Janeiro onde se dedicou ao comércio. Regressou a Portugal em 1868, exercendo entre 1873 e 1878 a função de guarda livros do Banco Comercial de Braga. Colaborou nos periódicos fluminenses *Correio Mercantil*, *a Marmota* e *A Messe*. Foi sócio-correspondente do Retiro Literário do Rio de Janeiro para cuja fundação concorreu; e Cavalleiro da Ordem de Christo por decreto de 12 de abril de 1870. Conferir o vol XII do *Dicionário Bibliográfico Português*.

⁶ *Ibid.* p. 5.

*Notaremos de passagem, que, apesar de no Brasil se não ler, como diz o author das Odes Modernas, é lá onde os livros, sahidos dos prelos portuguezes, tem grande extracção.*⁷

A referência ao grande consumo de livros portugueses pela ex-colônia se transformava, frequentemente, em contra-argumento para as representações negativas elaboradas pelas elites portuguesas acerca do Brasil. Estas últimas, inclusive, não diziam respeito somente aos leitores brasileiros, pelo contrário, envolviam todos os personagens implicados na produção e circulação do produto literário, como escritores e comerciantes de livros aqui residentes, muitos dos quais acusados de contrafazerem obras portuguesas.

Quando se tratava de avaliar a produção dos escritores brasileiros, em particular daqueles que conseguiam algum espaço no mercado literário português e uma certa popularidade entre os leitores, a recepção crítica por parte da elite letrada portuguesa oscilava entre a indiferença e a avaliação negativa.

Exemplo disto se deu em 1879, ano em que Camillo Castello Branco publicou o *Cancioneiro Alegre de poetas portuguezes e brasileiros*. Na obra em questão, o escritor português tecia apreciações nem um pouco elogiosas aos poetas brasileiros que, conforme acreditava, tinham maior penetração entre os leitores portugueses: Gonçalves Dias e Fagundes Varella. A respeito do primeiro, o romancista português afirmava que “*Se vivesse mais uns annos, entraria com os seus versos na região glacial do esquecimento*”.⁸ Mas era a Fagundes Varella que reservava sua verve mais irônica, sustentada sobre as supostas “incorreções” gramaticais por ele cometidas:

Os apreciadores portuguezes da Lyra brasileira distinguem com especial louvor Fagundes. É bastante citado este paulista, e tão lido cá, ao que parece, que a especulação o reimprimiu no Porto em 1875, reproduzindo-lhe o prefácio de 1861. O author, querendo bem graduar a futilidade da poesia e attenuar a ousadia de a dar à estampa, a instâncias de amigos pergunta: “Qual é o estadista, o homem de negócios que não se sentiu alguma vez, na vida poeta, que aos ouvidos de uma pallida Magdalena ou Julieta, esquecendo-se dos algarismos da

⁷ ROMEO JUNIOR. op.cit.p. 9.

⁸ Camillo CASTELLO BRANCO. *Cancioneiro alegre de poetas portuguezes e brasileiros*. p. 284.

*estatística, não se lembrou que haviam brizas e passarinhos, illusões e devaneios? E grammatica. Também seria bom lembrar-se, aos ouvidos das Magdalenas e Julietas, que havia regras para o verbo haver, além de brizas para refrigério da epiderme, e passarinhos para o deleite dos ouvidos. Em poesia, um sabiá não substitue a syntaxe, e as flores do Ingá que rescendem no jequitibá não disfarçam a corcova d'um solecismo.*⁹

Esse tipo de apreciação causou verdadeiro incômodo entre os leitores brasileiros, como se pode depreender da leitura do artigo *Os críticos do Cancioneiro Alegre*, publicado por Camillo Castello Branco na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira* referente ao mês de outubro de 1879. Nesse artigo, o romancista português respondia a Arthur Barreiros¹⁰ que havia escrito a ele uma carta demonstrando seu desconforto em relação às avaliações sofridas pelos poetas brasileiros.¹¹ Ao que sugere Camillo, Arthur Barreiros teria ameaçado dar-lhe uma surra se ele pisasse no Brasil: *Este sujeito escreve-me que tem uma excelente bengala de Petrópolis com a qual me baterá, se eu for ao Brazil admirar os cérebros de tapioca.*¹² À ameaça, Camillo respondia com todo tipo de impropério:

*O mulato estava a brincar; elles teem a debilidade escangalhada do sangue espúrio, escorrido das podridões das velhas colônias que de lá trouxeram á Europa a gafaria corrosiva; às vezes excitam-se bastantemente com cerveja ordinária, teem então ímpetos imoderados, dão guinchos, fazem caretas, coçam as barrigas, exigem banana, e não fazem mal a gente branca.*¹³

⁹ BIBLIOGRAPHIA Portugueza e estrangeira. p. 71.

¹⁰ Segundo consta no vol XII do *Dicionário Bibliográfico Português*, Arthur Barreiros seria autor de uma biografia sobre Machado de Assis.

¹¹ Não foi possível localizar o texto original, de maneira que as considerações sobre seu conteúdo se devem às citações de Camillo Castello Branco.

¹² Ibid.p. 177.

¹³ BIBLIOGRAPHIA Portugueza e Estrangeira. p.177.

O romancista afirmava, então, ter o desejo de em breve vir ao Brasil para encontrar o seu adversário. Se nesta ocasião concluísse que este não passava de “um mono vulgar, pacífico”, haveria de levá-lo a Portugal e exibi-lo na feira de Belém a 20 réis para compensar suas despesas de viagem. No caso de ele se mostrar feroz, haveria de fazê-lo arrebentar por um carroceiro do Minho e depois mandá-lo empalhar na rua dos inválidos.¹⁴

A animosidade provocada pelas publicações portuguesas que faziam troça dos brasileiros não se resume aos dois episódios acima referidos. Supõe-se que a publicação de *As Farpas* no Brasil teria sido o estopim de inúmeras agressões sofridas pelos comerciantes portugueses residentes na cidade de Goiânia, próxima ao Recife.¹⁵

Como a polêmica em torno do folheto de Quental e da publicação do *Cancioneiro Alegre*, *As Farpas* tiveram também reação em terras brasileiras, sendo uma delas *Os Farpões*, edição que circulou em cadernos semanais antes de ser publicado no formato livro. Seu autor, José Soares Pinto Correia, vinha em defesa do imperador D. Pedro II, ridicularizado por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. Chamando estes últimos de “répteis audaciosos e nojentos”, José Pinto Correia parodiava as crônicas lisboetas atacando os portugueses imigrantes, chamando-os de parrudos, carroceiros, caixeiros de loja de fazenda ou armarinho, o que de fato dizia respeito a algumas das atividades por eles exercidas no Brasil. Pretendendo humilhar os autores de *As Farpas*, afirmava que em virtude de sua pobreza, os portugueses dependiam da compra de seus livros pelos brasileiros:

*Vós sabeis perfeitamente que todos os livros que vêm de vossa terra para aqui, os brasileiros benignamente acolhem, não às vezes pela importância deles, mas pelo espírito de caridade de que incontestavelmente são dotados os brasileiros. Os brasileiros convictos de que precisais de dinheiro, isto é, de que sois extraordinariamente pobres, e que mais vale um livro, embora repleto de asneiras e sandices, do que dois mil réis, não hesitam em dar consumo a milhares de exemplares”.*¹⁶

¹⁴ Ibid. p. 178.

¹⁵ Conferir Paulo CAVALCANTI. *Eça de Queiroz: agitador do Brasil*. SP: Companhia Editora Nacional, 1966.

¹⁶ Apud: Paulo CAVALCANTI. *Eça de Queiroz: agitador do Brasil*. p. 69.

Como se pode notar, frequentemente as polêmicas suscitavam discussões a respeito do consumo dos livros portugueses pelo público leitor brasileiro. Cogita-se, inclusive, que a ira dos autores de “As Farpas” e suas inúmeras diatribes em relação aos brasileiros se deveria ao fato de a publicação ter grande aceitação entre os leitores da ex-colônia, o que teria motivado um sem número de contrafações, que dariam enormes lucros aos que as mandavam reimprimir aqui no Brasil e nenhum ganho aos seus autores de além mar.

A defesa dos brasileiros, sustentada via de regra sobre o argumento da dependência dos escritores portugueses em relação ao público leitor da ex-colônia, parece encontrar respaldo nas taxas de alfabetização exibidas por Portugal que, em 1900, contava com 78,6% da população analfabeta.¹⁷ Com um público leitor diminuto e, provavelmente, dependendo do mercado consumidor de livros do Brasil para escoar a sua produção literária, não interessava aos homens de letras portugueses ter suas obras contrafeitas ou mesmo ver a literatura brasileira prestigiada em suas terras. Isso explica, pelo menos em parte, os ataques sofridos pelos escritores brasileiros, assim como a parca recepção crítica de suas obras em periódicos portugueses do século XIX. Muito embora fosse prática comum enviar exemplares de obras nacionais para a imprensa portuguesa, esta teve pouca preocupação em divulgar a produção literária brasileira, inclusive nos periódicos voltados para o público de ambas as nações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAPHIA Portugueza e Estrangeira. Lisboa. 1 anno, n. 5, 1879.

CASTELLO BRANCO, Camillo. *Cancioneiro Alegre de poetas portuguezes e brasileiros*. Porto e Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879.

CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queiroz: agitador do Brasil*. SP: Companhia Editora Nacional, 1966.

CHAGAS, Pinheiro. *Diccionario Popular, Historico, Geographico, Mytologico, Biographico, Artistico, Bibliographico e Litterario*. Lisboa: Typ. Da Viúva Sousa Neves, 1884. 13 vol.

¹⁷ Conferir Ana Cláudia GOMES. *O Almanaque das senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada*. 2002.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923. 23 vol.

GOMES, Ana Cláudia. *O Almanaque das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Minas Gerais. Belo Horizonte.

ROMEO JUNIOR, S. *As lettras no Brazil: duas palavras acerca de um folheto do snr. Anthero de Quental*. Braga: Typ. de Domingos Gouveia, 1866.